

EDUCATIVOS EM TRÂNSITO: AS CONCEPÇÕES DAS EMPRESAS DE AÇÃO EDUCATIVA PARA AS EXPOSIÇÕES DO SESC SP

João Carlos Doescher Fernandes¹

RESUMO

É em um emaranhado de indivíduos que se dá a complexidade do processo de mediar em Arte. Aqui, objetiva-se a aproximação de um dos nós dessa relação: as empresas de ação educativa e as exposições do Sesc SP. Assim, esta análise perpassa por concepções de mediação cultural que confluem nesse contato e, com isso, explicita os diferenciais, as contribuições, os desafios e, especificamente, os elementos possíveis do planejamento dessas colaborações que acabam ampliando as formações do processo expositivo. Utiliza-se como metodologia a revisão das literaturas que tratam da experiência artística e da mediação e um estudo de caso qualitativo de natureza descritiva elaborado por meio de coleta de dados, questionário e observação assistemática das empresas. Para tanto, são consideradas as seguintes empresas que atuaram nas mediações de exposição no Sesc SP no ano de 2017: Acontemporânea Cultural, Arteducação Produções, Colchete Projetos Culturais, Dialogum Projetos Culturais, Verde Oliva Projetos Culturais e Zebra 5.

Palavras-chave: Ação Educativa. Exposição de Arte. Mediação Cultural.

ABSTRACT

It is in a tangle of individuals that happens the complexity of process to mediate in Art. Here, the aim is to approach one of the nodes of this relationship: the companies of educational action and the exhibitions of Sesc SP. Thus, the analysis exceeds the conceptions of cultural mediation that come together in this contact and then, makes explicit the differentials, the contributions, the challenges and, specifically, the elements possible of the planning of these collaborations that end up expanding the formations of the expository process. The methodology used is based on the revision of literatures dealing with artistic experience and of mediation and the

¹ Coordenador de Programação do Sesc Registro, especialista em Artes Cênicas pela FPA e graduado em Biblioteconomia pela Unesp. Concluiu o curso de Gestão Cultural do Sesc SP. Desenvolve projetos voltados à mediação cultural para formação de público e interação de sujeitos em atividades artísticas e práticas de leitura.

qualitative case study of descriptive nature through data collection, questionnaire and unsystematic observation of companies. Therefore, the following companies that participated in the exposure mediations in Sesc SP in the year 2017 are clipped: Acontemporânea Cultural, Arteducação Produções, Colchete Projetos Culturais, Dialogum Projetos Culturais, Verde Oliva Projetos Culturais, Zebra 5.

Keywords: Educational Action. Art Exhibition. Cultural Mediation.

A MEDIAÇÃO CULTURAL

Mais do que apontar as empresas de ação educativa das exposições, faz-se necessário compreender como elas integram as concepções de mediação com as quais dialogam o Serviço Social do Comércio do Estado de São Paulo (Sesc SP). O interesse por esse estudo nasceu da experiência do autor deste trabalho na supervisão do programa de educativos de exposições do Sesc Jundiaí, que, associada às reflexões estabelecidas no Curso de Gestão Cultural oferecido no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, desencadeou uma pesquisa-ação em que a própria investigação desdobrou-se na prática para se estabelecer os elos do campo do mediar.

Considera-se importante destacar que a educação não formal, pela qual a instituição estudada é referência, aproxima-se de um processo que leva o agente de uma experiência apenas rotineira, do dia a dia, para uma experiência artística, cultural, capaz de ampliar seu modo de ver a si e o mundo que o cerca. Esse acreditar na Arte caracteriza a função educativa que quebra o imediatismo e tende a construções de valores duradouros, de real transformação e de acolhida de diferentes pessoas.

A intenção formativa, assim, faz dois movimentos: de ampliação e especificidade. Por um lado, visa à formação de valores, de educação no sentido amplo de formar o cidadão. Por outro, visa definir o objetivo específico de cada atividade para aproximar da diferenciação de cada público e atingir o particular.

Lamizet assim conceitua “mediação”:

Mediação: ação que representa o imperativo social essencial da dialética entre o singular e coletivo e da sua representação em formas simbólicas. A sociedade pode existir apenas se cada um dos seus membros tem consciência de uma relação dialética necessária a sua própria existência e a existência da comunidade: é o sentido da mediação que constitui as formas culturais de pertença e de sociabilidade [...]. (LAMIZET apud RIZZI, 2013, p. 139)

Importa, então, elucidar que a apropriação de objetos culturais se origina das ações de mediação, que, por sua vez, são estabelecidas pelo diálogo entre o indivíduo, a particularização e a coletividade, o grupo. Portanto, a compreensão holística da mediação cultural que se observa pode ser entendida como rizomática, ou seja, que se estabelece em uma rede de relações e variáveis interdependentes, complementares e simbióticas.

Ampliando a discussão, parece bem apropriado a definição de “campo” para as relações de mediação cultural, já que a construção de sentidos muitas vezes acontece pela diferença de ideias, de saberes, além do consenso: “O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos atos ou nos discursos, têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções” (BOURDIEU, 1989, p. 179).

Nesse embate das relações, enaltece-se a função dos autores/agentes que ao produzir tensões abrem espaços relacionais de contatos em fricção. Desse modo, no atrito, pode-se confirmar ou se alterar os sentidos preexistentes sobre algo, criando-se oportunidade de aprendizado, de novas experiências, de mudanças e mobilidade.

Como acréscimo, segundo Jorge Larrosa (2002, p. 123), “[...] O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal [...] O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular [...]”. Sobre isso, cabendo ainda uma imersão à especificidade da prática na instituição, na definição do Programa de Trabalho de 2017 (Sesc SP, 2017), na linguagem de artes visuais e suas aplicações de mediação de exposição, propõe-se:

[...] as ações em artes visuais visam ao aprimoramento de uma formação sensível e crítica, com estímulo à autonomia e liberdade de escolha.

[...] Vinculadas a esses projetos, são previstas ações educativas em formatos variados, entre eles visitas mediadas às exposições, oficinas, ateliês e ações poéticas desenvolvidas por educadores, parcerias com empresas, escolas e instituições, formação de professores, entre outras.

Para as exposições, o Sesc SP se vale da contratação de empresas de Arte e Educação para a proposição da ação educativa vinculada à exposição, executando a formação e o acompanhamento das equipes que são constituídas de acordo com a necessidade de cada uma de suas unidades. De modo geral, as possibilidades de composição dessas equipes são de Supervisores e Educadores Formados (ambos com ensino superior completo e normalmente com experiências anteriores em exposição) e educadores estagiários de diversas áreas (cursando ensino superior – normalmente a maior parte do quadro).

Devido a essa heterogeneidade, há uma mediação em sentido complexo, ou seja, que abarca a formação de todos os sujeitos envolvidos em diversos contextos. Assim, no jogo de espaços – ora da apreciação da obra, ora da produção artística; da fruição e do fazer, do visitante e do mediador – tenta-se buscar, acima de tudo, a integrada produção de sentido dos sujeitos-apreciadores, dos sujeitos-artistas e dos sujeitos-mediadores.

AS EMPRESAS DE ARTE-EDUCAÇÃO

Tendo como base a divulgação de seus próprios perfis em veículos de comunicação – utilizados pelas empresas analisadas – e por seus discursos que responderam à pergunta: “Qual o diferencial oferecido pela sua empresa no processo de coordenação educativa nas exposições do Sesc SP?”. Com essa pergunta, conhece-se um pouco, por meio das vozes dessas empresas, também suas concepções.

Acontemporânea Cultural

A empresa exhibe em seu escopo de trabalho “Projetos de mediação cultural em exposições, concepção de materiais educativos, elaboração de cursos de formação, formação continuada, oficinas e curadorias educativas” (ACONTEMPORÂNEA CULTURAL, 2018a).

A empresária Marcela Tiboni, quando questionada sobre o diferencial oferecido pela empresa, destaca:

Acredito que todo o conhecimento que acumulei nestes quase 18 anos de trabalho com mediação é minha maior moeda de troca com os mediadores, situações que já vivi ou vi outros viverem, soluções possíveis para casos distintos, possibilidades para tornar o trabalho mais dinâmico ou rico. Manter-me presente é meu maior desafio [...]. (ACONTEMPORÂNEA CULTURAL, 2018b)

Nesse sentido, sua experiência pessoal e o acolhimento norteiam seu trabalho, o estar presente – o sentido de aproximação e pertencimento – torna-se ferramenta fundamental para o olhar de uma gestão acolhedora e estratégica, já que isso se estabelece, segundo discurso da entrevistada, de maneira pragmática, originária do uso de práticas acumuladas e disseminadas.

ARTEEDUCAÇÃO PRODUÇÕES

A empresa apresenta uma diversidade de propostas de atuação com foco em arte-educação, o que parece demonstrar uma preparação também

vasta de sua equipe, que abarca elementos de todo o processo do contato entre as artes e as ações educativas. A entrevistada Edna Onodera, gestora de projetos em arte-educação e arte-educadora, aponta:

Apresentamos como diferencial uma equipe altamente qualificada, vinculada à universidade e em constante desenvolvimento, que investe em sua própria formação por meio de cursos de especialização, mestrado e doutorado e participação em eventos, tais como seminários e congressos, de modo a contribuir e buscar sintonia com os debates contemporâneos, o que nos torna um grupo altamente qualificado no meio da arte educação. Destacamos também o trabalho com a metodologia [abordagem] triangular de Ana Mae Barbosa e nesse sentido promovemos a avaliação e autonomia. (COUTINHO, 2009, p. 174)¹, tendo a Abordagem Triangular [proposta desenvolvida por Ana Mae Barbosa], como fundo. (ARTEDUCAÇÃO PRODUÇÕES, 2018b)

Nesse caso, o desenvolvimento e capacitação constantes da equipe apresentam-se como eixo do trabalho. São frentes de mediação que se aproximam, de certa forma, da proposta de Coutinho, com ações voltadas para: contextualizar arte em sua história, colocando os estudos artísticos em contexto para se produzir sentido (contextualização), ler obras de arte e as habilidades para fruição (apreciação) e fazer arte (produção artística).

COLCHETE PRODUÇÕES

A empresa enfatiza como objetivo o estímulo ao desenvolvimento de ações com o público, construindo propostas coletivamente. A empresa é uma confluência de projetos realizados por Auana Diniz e Elisa Matos, em que ela desdobra suas experiências em Artes Visuais e Arte-educação. Como diferencial, Auana Diniz acrescenta:

É também muito importante para nós desenvolver processos de estudo, pesquisa e reflexão sobre a prática aprofundados e contínuos, que não dissociam a Ação Educativa dos conteúdos e temas relevantes para a exposição em si, buscando desenvolver processos educativos e formativos que partem da investigação sobre a proposta poética do artista. (COLCHETE PROJETOS CULTURAIS, 2018b)

Com uma proposta autoral de reconhecimento das variáveis locais e de, no geral, um apresentar uma meta-arte – por se voltar à investigação das próprias concepções de arte que a compõem – a empresa propõe um entendimento plural de Mediação Cultural, fundamentado em um processo reflexivo e criativo, com diálogo entre teoria e prática.

DIALOGUM PROJETOS CULTURAIS

Essa empresa de Arte e Educação atua em projetos culturais em museus e instituições culturais e na gestão de projetos educativos para exposições, além de fornecer e capacitar equipes de trabalho como coordenação, supervisão e educadores de acordo com a necessidade de cada projeto. O diretor cultural, Carlos Negrini, apresenta como diferencial:

O estímulo constante de cada profissional envolvido no processo, com textos e referências teóricas e artísticas, para poder oferecer o melhor do que cada unidade do Sesc espera como resultado de cada projeto, entendendo que cada exposição é uma nova realidade, uma nova configuração e sendo assim, elaborando propostas de roteiros, ateliês, ações e performances direcionadas para os diferentes públicos, estimulando a experimentação artística e o pensamento crítico. (DIALOGUM PROJETOS CULTURAIS, 2018b)

Como foco de ação, o profissional destaca a diferenciação e a personalização das ações educativas para cada público e projeto, o que é bem assertivo pensando nas várias subjetividades comentadas na introdução deste trabalho, no protagonismo do sujeito e na experiência especial particularizada que se pretende a cada ideação de exposição, sem declinar de referências essenciais e contemporâneas que possam embasar a prática e o estudo.

VERDE OLIVA PROJETOS CULTURAIS

A empresa é especialista em educação em museus, gestão de projetos educativos em exposições, formação de educadores e no desenvolvimento de materiais educativos para instituições culturais. A empresária Anny Lima responde à questão elucidando pontos importantes:

O diferencial apresentado são os eixos norteadores que reconheço em todo trabalho que realizo: autonomia, maleabilidade e interdependência. O desafio é desenvolver um trabalho em equipe que se reconheça sob estes eixos, para tanto desde o primeiro dia de contato com a equipe é apresentada a proposta de um trabalho de cocriação. (VERDE OLIVA PROJETOS CULTURAIS, 2018b)

Nessa fala, são levantadas três características de mediação também caras ao Sesc: a interdependência das relações, a cocriação de projetos e a afetividade. Como bem citado, o diálogo na ação educativa é primordial para o trabalho e recupera possibilidades de fala e escuta, de maleabilidade das equipes, permitindo o fluxo e a troca de informações e o aprendizado constante.

ZEBRA 5

Com atividades e abordagens plurais, o coletivo de educadores Zebra 5 acredita no jogo como um valioso elemento do aprendizado estético. A mestra em artes plásticas e educadora Stella Ramos declara o diferencial da empresa, que está baseado em sua metodologia de trabalho:

[...] o olhar para a mediação a partir da experiência com o jogo. Ainda que isso nem sempre esteja presente diretamente, certamente nos coloca num lugar onde as experimentações passam pela invenção, pelo risco, por um território temporário que sobrepõe existências e narrativas. Acho que, além disso, partimos de um lugar que vê tanto a teoria como a prática como objeto de estudo e aprofundamento. (ZEBRA 5, 2018b)

Destaca-se, assim, a percepção de transitório, de temporário, de processo que o lúdico pode trazer à educação e às experiências artísticas. Porque, em suma, as lacunas entre a mediação de um e de outro, na interação, não são fixas e podem ser preenchidas no instante da participação. Vivenciar momentos em que se pode construir um cenário prazeroso, divertido e de criatividade coloca o sujeito dentro da ação imediatamente. Nessas concepções – que estão acordadas em muitas propostas do Sesc – leva-se em conta a pessoa como agente transformador de sua própria realidade, com participação ativa e de resoluções de problemas e situações.

A MEDIAÇÃO CULTURAL EM DIÁLOGO

Para elucidar a articulação entre o entendimento de Mediação Cultural aplicado pelas empresas de arte-educação e sua articulação com a instituição, analisa-se aqui a pergunta “O que é Mediação Cultural em exposição para sua empresa?”. Nas respostas, destacaram-se três eixos norteadores.

OS PÚBLICOS

Os públicos, aqui entendidos como plurais, aparecem como agentes fundamentais do processo de mediação, em que suas singularidades são evidenciadas e o educador-mediador tem campo fértil e desafiador para o trabalho. Evidencia-se, assim, que a experiência estética não é exterior, mas parte integrante de uma experiência complexa de interação:

Ao levarmos em consideração que cada pessoa que visita uma obra de arte ou exposição, assiste a um concerto musical, peça de teatro, dança ou ação

cultural traz consigo suas próprias experiências e referências, possibilita se comunicar com esta outra parte que vê, vivencia e se abre diante dela, possibilitando desenvolver ações mediativas que podem envolver inúmeros contextos para que se desfrute deste encontro com a maior profundidade possível. (ARTEDUCAÇÃO PRODUÇÕES, 2018b)

Entender a importância da consideração do sujeito, a diversidade de públicos durante todo o processo de construção de uma exposição e evidenciar a experiência particularizada durante a formação dos mediadores têm sido foco dessas empresas. A experiência estética é particularizada. Diante disso, ter a consciência das subjetividades artísticas e das conexões envolvidas na mediação coloca o educador-mediador como agente fundamental desse trabalho, auxiliando na instrumentalização do sujeito ou sendo provocador do processo de experiência (LARROSA, 2011, p. 10).

A experiência também é considerada fundamental para o trabalho das empresas, que observam na dinâmica de interação uma outra problemática: que o público também é educador/produtor na medida em que contribui com o processo de aprendizagem, ofertando sua própria experiência, formulada também no trânsito dos participantes, entre um e outro. Contribui ainda para isso mais um discurso de uma das empresas:

Mediação Cultural é a possibilidade de proporcionar ao público visitante e para a própria equipe do educativo uma troca de conhecimentos através de propostas artísticas e acolhedoras, de perceber outras realidades e poder olhar por outras lentes, além das próprias, para acessar e desvelar outros universos através da arte. (DIALOGUM PROJETOS CULTURAIS, 2018b)

Pode-se, ademais, compreender essa experiência como um processo de transformação, como reafirma a Acontemporânea: “E, através deste encontro, os conflitos de olhares ganham espaço para se tornarem diálogo”.

Por isso, evidencia-se a experiência artística como um campo de trocas, tolerâncias, embates, ou seja, aprendizado. Apreende-se aqui que mediar não é apenas informar ou fazer a ponte dos conhecimentos, e sim fomentar diálogos que permitam ao sujeito vivenciar sua própria experiência e formar seu próprio conhecimento na condição necessária do outro.

Ainda nessa mediação, toma-se a questão além dos consensos, já que existem atritos na aprendizagem, daqueles do desafio, das margens, que possam quebrar paradigmas:

[Na] CONTRAMÃO de uma construção de conhecimento fechada (positivista), baseada na ideia de que temos conteúdos para ensinar e não que temos possibilidades a construir com o outro, e por isso este é um trabalho desafiador, que muitas vezes construímos pelas brechas, beiradas... de visões da cultura dominante, tecnicistas, conservadoras, entre outras. (COLCHETE PROJETOS CULTURAIS, 2018b)

Imbricado na participação dos agentes na mediação, existe, como podemos perceber na citação, um embate também de concepções em diacronia: uma batalha de construções tradicionais, conservadoras com abordagens atuais. De novo, o conceito de “campo” de Bourdieu (1989) apresenta fundamentação, já que os sujeitos concorrem em um espaço de mercado, numa exemplificação metafórica, com seus capitais variados (econômico, simbólico, cultural, social).

Cabe mesmo uma interação que possa acontecer pela margem, pelo não canônico, pelo atrito; e essas considerações, cada vez mais, fazem parte da atuação em arte-educação, pois os mediadores têm como desafio o diálogo com públicos radicados de vários campos, com seus mais específicos capitais.

3.2 ACESSO AO BEM CULTURAL

Os bens culturais são fontes de cultura e por isso seu direito é garantido no art. 215 da Constituição Federal do Brasil. Para o Sesc SP, essa busca por uma concepção humanista perpassa pelo entendimento e pela oferta desses bens:

No dia a dia de uma instituição cultural como o Sesc, percebe-se que é isso que o público faz instintivamente, apropriando-se do espaço e da programação da unidades, fazendo delas parte do seu patrimônio cultural, social, afetivo. Graças a sua própria experiência como centro de produção e difusão da cultura, o Sesc confirma que os bens culturais promovem o bem-estar social e conscientizam a população para o exercício da cidadania, fomentando os valores da comunidade. Por isso o Sesc se dedica a preservar e desenvolver a cultura em todas as suas vertentes [...] (MIRANDA, 2016, p. 2)

Nesse sentido, acredita-se que o acesso aos bens culturais é imprescindível para a formação do sujeito, e que as exposições do Sesc SP são protagonistas nesse acesso/direito. Mas se faz necessário entender onde se localizam esses bens na estrutura da mediação. Percebe-se, na voz de uma das empresas de arte-educação, que

[...] o projeto educativo de uma exposição atua como um importante interlocutor entre os públicos [...], o bem cultural (em seus diversos contextos e os conceitos abordados pelo artista e pelo curador) e o espaço expositivo, tendo como agente a equipe[mediadores], composta pela coordenação, supervisão e educadores. (VERDE OLIVA PROJETOS CULTURAIS, 2018b)

As ações de mediação em exposição visam à difusão do bem cultural a públicos diversos e também à apropriação da produção artística em um grande esforço de interlocução. Ressalta-se, assim, que “a Mediação é um espaço precioso dentro da Educação Não formal, em que o mundo pode ser repensado a partir de objetos polissêmicos e no cruzamento das obras com as narrativas pessoais e repertório dos públicos” (ZEBRA 5, 2018b).

O acesso aos bens culturais dentro dessa interação é pretendido nas várias esferas do trabalho com arte. Hoje, o Sesc ampliou seus investimentos na produção artística contemporânea, não somente de artistas consagrados como também da produção que não costuma ser reconhecida em larga escala, fomentando, com seu programa de artes visuais, o conhecimento sobre as artes e a criação artística. Para a instituição, é importante nesse momento o alargamento do fazer, da fruição, da contextualização e da circulação das produções artísticas. Além disso, confluem para esse cenário as ações de educação não formal cada vez mais qualificadas.

3.3 A EQUIPE EDUCATIVA

Um dos elementos que se destaca na Mediação Cultural é o papel imprescindível do educador-mediador. Essa função motiva a experiência (e aprendizagem) em exposições, configurando-se, em muitos momentos, como um provocador que propõe uma construção de saberes, abrindo, dessa maneira, a porta para a experiência única. Para essa ação educativa, é pertinente retomar a estrutura introdutória deste trabalho, de uma mediação dialogada:

A mediação ganha hoje um caráter rizomático, isto é, num sistema de relações fecundas e complexas que se irradiam entre o objeto de conhecimento, o aprendiz, o professor/monitor/mediador, a cultura, a história, o artista, os modos de divulgação, as especificidades dos códigos, materialidades e suportes de cada linguagem artística [...]. (MARTINS, 2003, p. 56)

Este é o desafio da equipe educativa: construir diálogos tendo em vista a estrutura complexa das relações. Considerando como ferramenta para esses objetivos, uma das empresas questionadas cita a construção de mediações que priorizam interações reflexivas com a utilização dos

DIÁLOGOS horizontais com públicos, que procuram não fixar os discursos veiculados àquele objeto ou espaço, mas colocá-los em reflexão. Diálogos que não impõem conteúdos fechados, mas constroem, desconstroem e investigam aqueles produtos culturais com públicos, trazendo as referências e os contextos sobre os objetos mediados para colaborar no processo. (COLCHETE PROJETOS CULTURAIS, 2018b)

Ao propor essa ideia de diálogos horizontais, acredita-se na construção colaborativa de saberes em uma mediação-encontro como ação provocadora e investigativa, que “[...] podem envolver inúmeros contextos para que se desfrute deste encontro com a maior profundidade possível. Disponibilizar educadores mediadores de forma ativa e empática pode resultar em efeito favorável na formação do público”. (ARTEEDUCAÇÃO PRODUÇÕES, 2018b). Sendo assim, o compromisso dessas equipes não é somente atrair a visitação da comunidade e a promoção de seu espaço expositivo. Mais que isso, a equipe educativa é uma das cédulas subjetivas constituintes da mediação junto aos demais sujeitos que, assim como as obras, são também a própria exposição.

O PLANEJAMENTO E A FORMAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA

As concepções educativas, artísticas e culturais levantadas na análise dessa investigação apontam para a real necessidade de se reconhecer os eixos utilizados para a formação de mediadores no Sesc SP, já que esses educadores são agentes para concretização desses saberes. Partindo da experiência do autor deste trabalho e das respostas da questão “Quais são os temas principais e recorrentes de seu planejamento para formação dos integrantes de exposição nos educativos do Sesc SP?” feita às empresas, intenta-se elencar temas que são considerados quando da construção de projetos de ação educativa, tanto do curso introdutório, anterior à exposição, como na formação continuada, durante todo o processo expositivo.

ESTUDO DA MEDIAÇÃO DE EXPOSIÇÃO E DA TEMÁTICA A SER MEDIADA

Para articular uma equipe que desenvolva habilidades do mediar, é de extrema importância situar os integrantes na ambientação que se pretende formar e explicitar os papéis de interação. Para tanto, faz-se imprescindível definir qual será o lugar da mediação que esse educativo vai ocupar e entender as disposições dos sujeitos na prática dessa mediação.

Além do mais, apesar de cada experiência ser única e depender das relações de seus integrantes, cada projeto de exposição também traz consigo especificidades conceituais que precisam de apropriação. “A proposta

básica do programa do curso introdutório (que serão trabalhados também durante o período da exposição) abrange introdução teórica e prática aos conteúdos específicos da exposição” (VERDE OLIVA PROJETOS CULTURAIS, 2018b).

Nesse sentido, sobre essa abordagem, destaca Marcela Tiboni (ACONTemporânea Cultural, 2018b): “[...] os assuntos inerentes à mediação exigem sensibilidade, abertura, aprofundamento, generosidade, e ensinar isto se torna mais complexo”. Informações essas que reafirmam a singularidade da equipe e da sinergia entre obras, materiais, mediadores, supervisores.

HISTÓRICA DA ARTE

A contextualização parece ser um campo recursivo entre as empresas, visto que a construção de contexto é uma das etapas da proposta triangular amplamente divulgada no ensino de arte no País:

Na maioria dos casos as exposições são de arte, então entro também nestes temas, que vão desde compreender diferentes conceitos de arte vindas de momentos históricos determinados e suas pertinências até especificidades de tal ou qual artistas e contextos. (ZEBRA 5, 2018b)

De maneira ampla, a abordagem dos contextos tem como maior finalidade a atualização da arte pelos sujeitos envolvidos na mediação; e para isso é preciso conhecer as referências e permitir a interlocução com os artistas.

ACESSIBILIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL

Mais um tema caro a este trabalho é a acessibilidade simbólica, que se refere ao acesso de diferentes sujeitos aos objetos culturais, sejam eles pessoas com deficiências, sejam diferentes grupos identitários, entre outros. Essa discussão atual permite a sensibilização, a capacitação e a criação de propostas inclusivas para a experiência estética, artística e cultural.

Um ponto das atribuições, aqui representado pela citação da Colchete é: “A articulação do trabalho com a acessibilidade simbólica e socioeconômica, articulada a estratégias que pensam a diversidade cultural e as necessidades específicas de cada sujeito ou grupo [...]”.

A contribuição para esse estudo efetiva-se quando se associa os acessos requeridos às ações estratégicas de formação em seu discurso, já que se discute a constituição dos sujeitos em situações reais de mediação e isso

demanda planejamento e validação das esferas institucionais. De modo geral, para esse tema, indica-se uma formação abrangente tanto de educadores como de todos os outros dispositivos envolvidos na acolhida do público referido.

PÚBLICOS E EDUCADORES

Como já foi desenvolvido nessa investigação, o tema sobre o público e suas relações é peça fundamental do processo de mediação e, conforme a configuração do grupo de trabalho, novos temas decorrem desse inicial. A esse respeito, temos a seguinte afirmação:

A partir do convívio com os educadores, no contexto da exposição e em relação ao público, temas e abordagens de formação vão sendo delineados e desenvolvidos diante da oferta de horários para a formação continuada, em resposta às demandas da equipe, do público e da instituição. (ARTEDUCAÇÃO PRODUÇÕES, 2018b)

Há aqui uma continuidade de observação em relação ao público que acontece durante todo o processo expositivo e que diz sobre a maleabilidade de interação. As mudanças dos sujeitos acompanham as diferenças de cada exposição; então, faz-se necessário um olhar atento que permita certa disponibilidade de acolhimento.

PROCEDIMENTOS DE ABORDAGEM PARA MEDIAÇÃO

Para além da apreciação, as oficinas são estratégias de recebimento e participação do público. O fazer artístico como foco permite experiências significativas e representa também uma faceta do mediar em que o público está mergulhado na situação comunicativa criada. São diversas atividades e elementos constitutivos de oficinas, como cita a empresa Dialogum Projetos Culturais (2018b): “Criação de: Roteiros/Ateliês/Ações/Performances” .

Como estratégia para definição de abordagens de mediação, os roteiros de visita foram temas citados nos questionários das empresas. Eles funcionam como mapas de ações para os mediadores que definem percursos de interação, mantendo uma predisposição de mobilidade de acordo com as situações reais.

Essa estruturação indicativa para prática de mediação compõe-se de tipos diversos, por exemplo, para o público espontâneo, para grupos escolares, por faixa etária, por maior ou menor conhecimento sobre arte,

entre outros. Um exemplo de apontamento na pesquisa é: “Abrange [...] mediação (tipologia de visitas, tipologia de conteúdos etc.); perfis de público; roteiros de visitação [...]” (VERDE OLIVA PROJETOS CULTURAIS, 2018b).

VALORIZAÇÃO DO LUGAR DE FALA/REPERTÓRIO DA EQUIPE DE EDUCADORES

A variedade de formação acadêmica e cultural e as experiências profissionais da equipe são bastante valorizadas, pois enriquecerá a conversa e a aproximação entre os mais variados tipos de público e conteúdos no ambiente expositivo, com grande potencial de melhoria da prática pedagógica. Em função dessa diversidade e da abrangência do trabalho, a coordenação tem como objetivo estimular o senso crítico e analítico do educador e do supervisor e esclarecer a responsabilidade deles sobre a divulgação e apropriação dos bens culturais pelos diversos públicos por meio da compreensão do trabalho de educação em exposições de arte (VERDE OLIVA PROJETOS CULTURAIS, 2018b).

Concebemos a formação inicial como um período de encontro e integração dos sujeitos envolvidos, ampliação e discussão de repertórios que são subsidiados e provocados pelos convidados e, sobretudo, como um período que contemple tempo para que a sensibilização e construção do conhecimento – em relação à amplitude de campos de estudo que esse período pode comportar – ocorra pelos próprios sujeitos em formação, por meio de processos mediados pelos formadores (ARTEDUCAÇÃO PRODUÇÕES, 2018b).

FORMAÇÃO INICIAL E AVALIAÇÃO

Cabe também destacar a importância de um tempo mínimo adequado para essas formações que abrangem pessoas diversas, bem como a utilização imprescindível da avaliação em todos os processos, como muito bem destaca Edna Odera (ARTEDUCAÇÃO PRODUÇÕES, 2018b):

[...] Vale salientar que idealmente consideramos que a formação dos educadores - sejam estudantes com ou sem experiência nas exposições dos Sesc - e de outros profissionais que atuarão com eles é um ciclo que acontece por meio da formação inicial em período mínimo de cerca de 10 dias que antecedem a abertura da exposição e, siga por meio de formação continuada, em encontros frequentes ao longo da exposição e, seja concluída em encontro de avaliação final, pós-exposição.

A garantia da participação integral da equipe desde a contratação, da definição de perfis mediadores, da formação inicial, passando pela prática até alcançar a finalização e a avaliação do processo, é uma trajetória primordial. A mediação, no que diz respeito à avaliação, coloca em interação outros dispositivos, além daqueles centrais mencionados a todo momento nesta investigação, como sujeito/obra.

As relações entre a insituição Sesc e as empresas de ação educativa compõem o eixo estrutural e avaliativo das outras esferas mediativas. Por meio dessa troca, delimita-se uma parte do trabalho expositivo que se volta à educação e à formação de educadores. A articulação e as tomadas de decisões durante o fluxo de concretização das ações precisam se voltar constantemente à finalidade e à intencionalidade estabelecidas desde o início do processo de formação, já que no meio do caminho há dissonâncias e também ações processuais do ato de mediar para equipes heterogêneas. Os fatores são diversos, como retomada de concepções artísticas, dúvidas pontuais de mediação, reavaliação de educadores, mudanças de horário, troca de integrantes, conflitos de relacionamento, *feedback* contínuo, entre outros.

Outro ponto importante é a heterogeneidade das equipes. As combinações que formam os grupos de mediadores são diversas: por vezes somente estagiários; outras estagiários e educadores formados, oriundos de várias graduações (Artes Visuais, Música, Artes do Corpo, Humanidades, Letras, Pedagogia, Comunicações, Arquitetura, Engenharia Ambiental, etc.). Isso varia de acordo com as exposições e unidades do Sesc. Para essa abrangência, exige-se um olhar avaliativo também multifacetado capaz de unificar saberes, mas também de permitir a diversidade de conhecimentos, ora confluentes, ora discordantes.

Ademais, como se tende à experiência única, em que cada configuração de equipe elege-se um resultado também peculiar. Dessa forma, faz-se necessário a avaliação do processo e da conclusão do trabalho, tendo em vista os sujeitos que se construíram no decorrer da atividade expositiva, pois, como já dito, são partes essenciais da própria exposição.

DA SINGULARIDADE E DOS DESAFIOS

Como encaminhamentos desta discussão, escolhe-se a última pergunta feita às empresas. Tal pergunta retoma os temas já analisados e apresenta a reflexão de toda a investigação proposta. Assim, buscando entender as singularidades do trabalho educativo, fez-se a seguinte indagação: “Em seu ponto de vista, o que difere o trabalho do educativo realizado nas exposições de arte no Sesc SP das demais instituições ou empresas que trabalha?”

Nesse sentido, o principal desafio é a estruturação, dada a importância mencionada pelas empresas, da equipe dos educadores-mediadores e seus diálogos com outros dispositivos de relações, em que as habilidades têm de ser construídas regularmente e na medida em que as ações estão acontecendo, por isso, em trânsito. Verificam-se os apontamentos:

Entretanto, temos avaliado que o caráter temporário das contratações de estagiários e educadores formados tem fragilizado o nosso potencial em formar profissionais mais comprometidos com o campo da Mediação Cultural, pois não há continuidade de equipes, que se renovam a cada nova exposição, reafirmando a necessidade de se reconhecer os profissionais de educação em museus e instituições culturais não só no Sesc mas em todo o Brasil. (ARTEDUCAÇÃO PRODUÇÕES, 2018b)

Outro desafio é o trabalho que propõe ao mesmo tempo processos de formação com os públicos e as equipes, quando compostas de profissionais em formação (estagiários), e o compromisso com a qualidade do trabalho em desenvolvimento, lidando com a adaptação e o desenvolvimento desses profissionais além das especificidades de cada exposição e como os públicos as recebem. (COLCHETE PROJETOS CULTURAIS, 2018b)

Diante do exposto, conclui-se que as potencialidades de uma equipe diversa somente serão desenvolvidas resolvendo ou melhorando aspectos da dinâmica das funções que tal equipe exerce. É notório o desafio de se trabalhar com equipes reduzidas, com curtos períodos de formação inicial, considerando aqui principalmente que a maior parte dessa equipe (ou toda), a depender da unidade, é composta por estagiários de áreas multidisciplinares que, muitas vezes, têm uma experiência pouco expressiva nas áreas correlatas das artes.

Além disso, em muitos casos, nesse grupo de trabalho há um sujeito em construção para o mercado que necessita de uma formação consistente para a atuação em uma empresa e que desconhece as regras sociais e institucionais empresariais. E a problemática não cessa: é preciso existir um processo integrador da equipe de forma constante. O trabalho com estagiário presume um acompanhamento de maneira integral. Quando as ações da formação inicial e contínua apresentam resultados e esse profissional está instrumentalizado para a mediação de exposição, o processo educativo se finda. Aqui, relacionam-se as dificuldades de pertencimento ao espaço e o reconhecimento da equipe pelo quadro permanente, tendo em vista a temporalidade do exercício das funções do educador.

Para mais, quando se depende de outras esferas da instituição para que o trabalho da ação educativa aconteça, podem existir ruídos na comunicação:

Em comparação a outras instituições, sentimos falta de um programa de agendamento que corra em paralelo e em sintonia com o nosso trabalho, de forma mais presente e planejada, fortalecendo e ampliando o sentido maior de mediação e formação de público de todas as faixas etárias e níveis socioculturais que frequentam o SESC SP. (ARTEDUCAÇÃO PRODUÇÕES, 2018b)

Sobre isso que se destaca nos educativos, o trabalho de agendamento desenvolvido – para possibilitar principalmente a organizar o acolhimento de grupos – quando distanciado de toda a concepção de mediação e também das equipes, abre espaço para a ruptura relacional e, principalmente, para os desencontros com o discurso da instituição e da equipe. É preciso uma mediação eficaz do próprio mediador das equipes de ação educativa com outros dispositivos, como equipe de comunicação, de atendimento, de programação.

Ademais, os diálogos e os atritos que competem a uma gestão dessas equipes de mediação também são expostos na pesquisa aplicada:

Inserção da gestão do projeto educativo quando a exposição já está totalmente resolvida, sem possibilidade de colaboração no processo, o que viabiliza uma integração dos diversos agentes. Quando a exposição começa, termina o trabalho de grande parte das equipes e começa o trabalho de outras, incluindo, neste caso, o projeto educativo [...] A empresa coordena equipes que não são administradas por ela, mas tem responsabilidades administrativas sobre a equipe contratada pelo Sesc. (VERDE OLIVA PROJETOS CULTURAIS, 2018b)

Primeiro, acredita-se, em um plano atual, que no momento da concepção da exposição deve-se considerar o planejamento do educativo, o que, muitas vezes, não acontece, visualizando as ações educativas como apenas adendos de um processo expositivo, sendo que, na verdade, elas são integrantes.

Segundo, quanto aos papéis da gestão das equipes de educadores, cabe um diálogo apurado com definição clara de funções, mesmo que elas se inter cruzem. No espaço de duração de uma exposição, como os grupos de educadores são temporários, as empresas contratadas pelo Sesc, assim como seu funcionário representante, o animador cultural, assumem a posição fixa de orientação do trabalho, de acordo com as diretrizes regulatórias das atividades que envolvem os supervisores e educadores.

Tendo em vista que escala de horários, assiduidade e postura dos colaboradores interferem na mediação de exposição, as duas esferas, interna (Sesc SP) e externa (empresa de ação educativa), precisam estabelecer uma comunicação horizontal para construir decisões em conjunto.

Sobretudo, sabe-se que a questão da mediação cultural em exposição e as concepções das empresas de ação educativa não pretendem em si um consenso. Esses diferentes olhares relacionam-se com o próprio prisma da mediação, considerando os diversos conceitos lugares, agentes e saberes.

Nessa acepção, as empresas de ação educativa são de fundamental importância e funcionam, elas próprias, como agente de mediação, nesse caso, entre corpo educativo e instituição, entre teoria e aplicação, entre o fora e o dentro da instituição.

Ainda, as particularidades elencadas sobre o Sesc SP sob o ponto de vista das empresas de ação educativa dizem respeito ao trânsito, à mobilidade, ao caráter não fixo dos grupos de visitação, ao acolhimento da diversidade e à heterogeneidade das unidades do Sesc:

[...] Enquanto em outras instituições com frequência os públicos vão ao local para visitar uma ou mais exposições ou um acervo em específico, uma boa parte do público do Sesc SP costuma ir às unidades para participar da programação, almoçar, usar a piscina ou outra atividade e vai também à exposição e com isso muitas vezes se depara com aquelas produções artísticas ou culturais, ou seja, encontra algo que não estava procurando. (COLCHETE PROJETOS CULTURAIS, 2018)

O que está posto representa uma ação colocada no campo da transitoriedade. Tanto o público, como os mediadores e as empresas estão em movimento, em rotatividade. Esse espaço de mudança tem dois aspectos relevantes para a estruturação de mediação. Por um lado, as tentativas de modelamento, delimitação e proposição de atividades variam constantemente para atender a uma demanda tão diversa. Por outro, e tentando um programa de mediação que possa se consolidar por essas experiências analisadas, as aprendizagens que acontecem na troca, no intercâmbio, são ricas também em diversidade e têm mais chances de abranger a complexidade cultural e artística desse tipo de mediação.

REFERÊNCIAS

- ACOMTEMPORÂNEA CULTURAL. *Entrevista concedida por Marcela Tiboni*. São Paulo, 2018.
- ARTEDUCAÇÃO PRODUÇÕES. *Entrevista concedida por Edna Onodera, Camila Lia e José Minerini*. São Paulo, 2018.
- BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2003.

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertran Editora, 1989.
- CHARTIER, Roger. *Pierre Bourdieu e a história – debate com José Sérgio Leite Lopes*. Palestra proferida na UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. p. 140.
- COLCHETE PROJETOS CULTURAIS. *Entrevista concedida por Auana Diniz*. São Paulo, 2018.
- DEWEY, John. Tendo uma experiência. In: *A arte como experiência*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (Coleção Todas as Artes).
- DIALOGUM PROJETOS CULTURAIS. *Entrevista concedida por Carlos Negrini*. São Paulo, 2018.
- SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. *Diretrizes Gerais de Ação do Sesc*, Departamento Nacional [Sesc], RJ, 2010. Disponível em < http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/39f2c509-4b54-4d8d-ac7d-36699c8fa9ea/DiretrizesQuinquenio_2016-2020_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=39f2c509-4b54-4d8d-ac7d-36699c8fa9ea>. Acesso em: 10 abr. 2018
- FAVARETO, Celso. Entre a proximidade e o estranhamento: a mediação e o público. In: MARTINS, Miriam Celeste; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga (Orgs.). *Mediando [con]tatos com arte e cultura*, São Paulo, v.1, n. 1, p.12-14, 2007.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, dez. 2011.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr, 2002.
- MIRANDA, Danilo Santos. Prefácio. In: SOARES, I. V. P.; CUREAU, S. *Bens Culturais e Direitos Humanos*. São Paulo: Sesc, 2016.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.
- MARTINS, Mirian Celeste. Conceitos e terminologia. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2. ed. São Paulo: Editora, 2003. p. 49-60.
- RIZZI, M. C. S. L. Museus e exposições de arte: possibilidades de experiência estética e educação. In: RIZZI, M. C. S. L.; ROSENTHAL, D. (Orgs.). *A Reflexão e a Prática no Ensino – Artes*. São Paulo: Maria, 2013, v. 9, p. 137-148.
- TOURINHO, Irene. visualidades comuns, mediação e experiência cotidiana. In: *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- TEIXEIRA COELHO. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- VERDE OLIVA PROJETOS CULTURAIS. *Entrevista concedida por Anny Lima*. São Paulo, 2018.
- ZEBRA 5. *Entrevista concedida por Stella Ramos*. São Paulo, 2018b.